



## Educação: práxis e utopia

Claudio Domingos FERNANDES



*A educação só é humanizadora se for intencionalizada pelo conhecimento e pela valorização, desde que referidos à significação apreendida na existência histórico-social. Antonio Joaquim Severino*

No ano em que voltamos nossa atenção a Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira, dedicando-lhe homenagens em vista de seu centésimo aniversário, quero prestar homenagem também a um outro grande Educador brasileiro: Antonio Joaquim Severino, que em 3 outubro completou 80 anos.

Não é exagero dizer que a Educação no Brasil conta entre seus protagonistas com a destacada figura do Professor Antonio Joaquim Severino, que “em toda sua atividade docente, em sua produção científica, em sua atuação acadêmica e cultural expressa, com reconhecida coerência, uma visão clara do papel do conhecimento e da educação face aos desafios da vida social”. (SANTOS SEVERINO, 2016, 76). Senhor de uma larga experiência profissional como professor e pesquisador dedicado à Filosofia da Educação e formação de educadores, “merece destaque sua atuação no sentido de inovar e abrir novas frentes de produção intelectual” (Rodrigo, 2016, p. 84), e “defesa da educação e da escola como forças transformadoras das relações sociais” (idem, p. 90).

Dedicando-se à docência e à Filosofia da Educação, Severino influenciou, de modo decisivo, as áreas de pesquisa em Educação e Formação de Educadores e com generosa e fecunda produção intelectual, não apenas contribui com a formação de novos educadores, como ainda exerce um papel insofismável à constituição da Filosofia da Educação no Brasil.

Sua contribuição para a Educação é expressiva e “pode ser reconhecida pelos inúmeros textos e obras que tem desenvolvido” (MÜHL e CENCI, 2016, p. 143) principalmente quanto à importância da Filosofia da Educação na formação profissional. Segundo ele, “o profissional a ser formado é antes de tudo uma pessoa, que precisa tornar-se sensível à dignidade humana bem como um cidadão que precisa se comprometer com a democratização das relações sociais, dotando-se de uma nova consciência social.” (SEVERINO, 2017, p. 137). E “à filosofia da educação cabe então colaborar para que esta visão seja construída durante o processo de sua formação” (idem, 1986, p. XV).

Em relação a educadores, ele sustenta que sua formação deve-se dar sobre três bases que se articulam e se intercambiam entre si: uma robusta formação técnico-científica, uma sólida formação política e uma profunda formação filosófica.

Segundo Severino (2001, p. 68) “o ser humano se instaura pelo agir que desenvolve como sujeito social.” Nesta perspectiva, ensina Severino, “a educação é uma práxis cujo sentido é intencionalizar as práxis reais pelas quais os homens buscam implementar sua existência... [que] se elabora mediante a atividade prática” (idem, p. 69). Assim, em seu entender, enquanto práxis social, “a educação é uma atividade como qualquer outra, é trabalho e prática social e simbólica” (idem, p. 67). É sobretudo, mediação fundamental para as demais atividades humanas; “é um investimento intergeracional com o objetivo de inserir educandos nas forças construtivas do trabalho, da sociedade e da cultura” (idem, p. 67).

Em sua inegável contribuição à Educação, através de seu esforço de promover a Filosofia da Educação, “Antonio Joaquim Severino é referência importante no âmbito das investigações em Filosofia da Educação no Brasil e em ações voltadas à consolidação da área com objetivos claros de estudo... No tocante ao seu trabalho de investigador, salienta-se sua extensa produção acadêmica publicada na forma de livros, capítulos de livros e artigos” (LORIERI, 2016, p. 161). A tudo isso assoma

seu generoso e fecundo incentivo a futuros professores e pesquisadores a seguirem adiante em seus projetos pessoais e profissionais. Assim, “à frente de diversas coleções, o professor Severino abriu espaço para muitos autores e oportunizou um trabalho mais qualificado na docência da disciplina Filosofia da Educação nos cursos de formação de professores.” (DALBOSCO, PAGNI, GALLO, 2016, p. 12).

Aproveitando a oportunidade de saudá-lo em seu octogésimo aniversário, e de expressar nosso reconhecimento à sua contribuição em nossa formação pessoal e profissional.

No presente texto, uma entrevista fictícia ao professor Severino, associa sua figura à figura de Paulo Freire e coloca esses dois grandes expoentes de nossa Educação em diálogo, a partir de excertos de suas obras. Penso colocar em destaque elementos importantes de seu pensamento e de sua contribuição para uma educação humanizadora, porque libertadora.

Professor Severino, nos fale um pouco do senhor.

*Eu nasci em Carmo do Rio Claro, ao sul de Minas Gerais. Nasci na Fazenda em que meu pai trabalhava como colono. Frequentei o Grupo Escolar da cidade. Depois, em virtude de uma bolsa de estudo me transferi para o Ginásio São Luis de Monfort, de uma congregação de Irmãos italiano. Ali fiz opção de seguir a vida religiosa e ingressei no Seminário Menor de Ribeirão Preto de onde fui enviado para o Seminário Arquidiocesano de Campinas para cursar o colegial. Então me foi oferecida, em 1960, a possibilidade de ir fazer o curso de graduação em Filosofia na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Em 1964, fui para Roma onde fiz o primeiro ano de Teologia. Neste mesmo ano, sentindo que não me realizaria na vocação religiosa, retornei ao Brasil. Entrei para a docência em 1965, assumindo, no Seminário Diocesano de São Paulo, aulas de Filosofia. Em 1966, fui integrado ao Departamento de Filosofia, Ciências e Letras da São Bento, lecionando História da Filosofia Contemporânea, Teoria do Conhecimento... Desde então, tenho exercido a docência e a pesquisa quase sempre voltadas à Filosofia da Educação e à Formação de educadores.*

O senhor pode nos falar de Paulo Freire?

*Paulo Freire é bem reconhecido como grande educador no seio da comunidade acadêmica e das instituições culturais, não só do Brasil e da América Latina, mas de todo o mundo, embora, no contexto nacional, não seja comum incluí-lo no rol dos filósofos da educação (SEVERINO; ROMÃO, 2019). Ele é um dos pioneiros da prática etnofilosófica e intercultural no Brasil, postura essa imprescindível para sustentar uma educação emancipadora. Seu pensamento é marcado por significativa autonomia diante dos paradigmas da filosofia eurocêntrica que, desde os tempos coloniais, vinha influenciando o modo de pensar dos povos latino-americanos. Em decorrência desse seu posicionamento, tornou-se uma das principais referências dos que buscam entender o conhecimento como ferramenta de emancipação das pessoas. (SEVERINO 2019,57-58). Suas obras expressam uma profunda sensibilidade ao humano, cobrando um compromisso de emancipação diante de todas as formas de sua degradação; uma vigilante atenção aos processos de conhecimento, seja na busca de seus caminhos, seja na denúncia de seus desvios ideológicos. E o que não dizer de suas exigentes buscas de coerência entre a prática e os valores éticos e políticos que a devem presidir! (SEVERINO, 2019, p. 60). Em resumo, Sua obra expressa uma profunda sensibilidade ao humano, cobrando um compromisso de emancipação frente a todas as formas de sua degradação; uma vigilante atenção aos processos de conhecimento, seja na busca de seus caminhos seja na denúncia de seus desvios ideológicos. Não há como negar que a teorias da aprendizagem que subjaz a sua metodologia pedagógica implica uma sólida teoria do conhecimento. (Idem, 2014, p. 5)*

Em Educação e Mudança (p. 27), escreve Paulo Freire que “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem.” Partindo desta premissa, o que o senhor pode nos dizer sobre nós?

*Primeiramente, não há como abordar o homem, seu conhecimento e sua ação, buscando desvendar o seu sentido – situação vista como se fosse uma dimensão transcendente –, sem considerar sua imanência radical nas coordenadas do espaço e do tempo. Espaço social e tempo histórico. Nas malhas do social, na temporalidade histórica, na praxidade real. Na profunda encarnação do existir humano. Sem essa*

adequação, o pensamento filosófico não iria além de uma formulação abstrata, apriorística e idealista, situações que mostram que não faltam numerosos exemplos na história da filosofia. (2019, p. 60). Daqui, podemos, então, dizer que a substância do existir é a prática (SEVERINO, 2001, p. 44), [que] a existência humana se tece pela ação e pelo conjunto das atividades práticas que os homens desenvolvem na concretude espaço-temporal (idem, p. 46). [Em outras palavras], a condição de existir dos seres humanos é integralmente instaurada e historicamente construída pela prática intencionalizada que se transfigura em praxis (idem, p. 46).

[Depois, é preciso afirmar também que] não se é humano fora de um tecido social, o qual não é simples referencia circunstancial, mas solo de todas as relações, matriz e placenta que nutre toda atividade dos indivíduos (idem, p. 52). [E], por ser tecida pelas relações sociais, a existência humana é impregnada pela tensão do poder. O existir social não é um processo de interação num plano horizontal, mas é também vertical, e com igual força (idem, p. 53-54). [De tal modo], tudo o que é realizado pelo ser humano é feito por um sujeito social, mesmo que realizado por indivíduos, a ação mantém sua dimensão social (idem p. 57).

O senhor, em sua obra mais recente (2017, p. 45), diz que o conhecimento é a principal, se não a única, ferramenta de que a espécie dispõe para buscar a superação de sua fragilidade e ambiguidade. Segundo Paulo Freire (2015, p. 143; 243) o conhecimento envolve a constante unidade entre ação e reflexão sobre a realidade. Diz ele: “Toda consciência é sempre consciência de algo, a que se intenciona... [E] o ato de conhecer que, se autentico, demanda sempre o desvelamento de seu objeto, não se dá na dicotomia entre objetividade e subjetividade, ação e reflexão, prática e teoria.” Que relação o senhor estabelece entre objetividade e subjetividade na prática educativa?

*O que nós chamamos de “conhecimento” é sempre uma forma de relação do sujeito a um objeto... [Ele] é sempre essa apreensão de sentido das coisas é sempre resultante de uma determinada modalidade de vínculo entre uma dimensão da subjetividade com outra dimensão da objetividade (2017, p. 123). Para que a ação humana seja criadora e transformadora, precisa ser uma prática intencionalizada pela teoria e pela significação. [46]*

*[Em termos práticos] é a prática que constrói a educação assim como toda expressão da existência humana. (SEVERINO, 2001, p.8). Não obstante, a prática precisa da teoria para se expressar significativamente... A prática humana, em que pese a opacidade de sua gênese, só pode ser esclarecida e significada pela lucidez da consciência e pela expressão teórica da subjetividade, não há outro caminho... Daí a exigência da intervenção significadora da prática simbólica da consciência cognoscitiva e avaliativa, a qual instaurará o sentido da prática. Por isso, a educação só é humanizadora se for intencionalizada pelo conhecimento e pela valoração, desde que referidos à significação apreendida na existência histórico-social. (Idem, p.9).*

Em *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire diz que o fato de sermos seres condicionados, não nos torna seres determinados. É neste sentido que o senhor defende que: “somos aquilo que nos fazemos ao agir”? (Severino, 2001, p. 13).

*[De fato], somos aquilo que nos fazemos. [A prática humana] não é um eterno repetir-se de ações idênticas a si mesmas, mas está no âmago de uma construção. A vinculação da praxidade com a historicidade faz de nossa existência um processo de construtividade. O sujeito só se vai tornando humano à medida que individualmente se incorpora à espécie, tal como está acumulada na temporalidade que o antecede, da humanidade que se encontra historicamente produzida. [...] expurgando-se todo determinismo, cabe reconhecer que também a construção da história pessoal precisa recuperar e incorporar o legado acumulado pela experiência coletiva da humanidade em sua memória. (SEVERINO 2001, p. 57; 58). [Esta perspectiva exige] o aguçamento de nossa sensibilidade às condições históricas e concretas de nossa existência... E este aguçamento exige, por sua vez, o pleno compromisso de aplicação do uso de nossa única ferramenta para a orientação de nossas vidas: o conhecimento que precisa tornar-se, então, competente, criativo e crítico. (Idem, 2017, p. 98-99).*

Para Paulo Freire, “A Educação é simultaneamente uma certa teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético” (FREIRE, 2014, p. 73), como o senhor entende a educação.

*A educação é uma prática social e política cujas ferramentas são elementos simbólicos, produzidos e manuseados pela subjetividade e mediados pela cultura. Por isso, a educação se faz como conscientização, lidando com conteúdos simbólicos da subjetividade dos educandos. Ela atua sobre as representações, conceitos e valores das pessoas, mediante a comunicação intersubjetiva (SEVERINO, 2001, p.72). [E] o cultivo da sensibilidade estética, entendida como outra modalidade nossa de nos relacionarmos com o mundo que nos envolve, é igualmente uma necessidade que deve ser levada em conta na [educação] (Idem, 2017, p. 104).*

Diz Paulo Freire que consciência e mundo não podem ser entendidos separadamente e que a interferência da subjetividade na História ressalta a importância do papel da educação. (FREIRE, 1995, 12).

*[Se] a nossa existência histórica se efetiva pelas práticas que se objetivam nas esferas do trabalho, da sociabilidade e da cultura (SEVERINO, 2001, p.68), [ela] só será humana se for intencionalizada através de sua capacidade simbolizadora (idem, p.69).*

*Essa reciprocidade se efetiva pela intervenção simultânea dos processos de subjetivação e objetivação das relações do homem com a natureza, a sociedade e a cultura. Elas só são humanas se a sua realização objetiva estiver impregnada de significação subjetivada. (Idem, p. 69).*

*A educação é mediação dessa articulação intencionalizante entre o conhecimento e as práticas históricas... É efetivamente uma prática cujo instrumento é formado por instrumentos simbólicos de trabalho e de ação. Dirige-se aos educandos interpelando sua subjetividade e investindo no desenvolvimento desta (idem, p. 69; 70). [Assim], no universo da subjetividade a educação é construtora do próprio sujeito. [Ela] se vê como o investimento dos recursos da exterioridade, feito pelos sujeitos, com vista ao desenvolvimento de sua interioridade. Identifica-se com o processo do conhecimento e o exercício da consciência (idem, p. 80).*

Em um texto intitulado *A Construção da Escola Democrática na Rede Pública de Ensino* (FREIRE, 2014, p. 256) Paulo Freire assume que a educação que se vive na escola não é a chave das transformações do mundo, mas as transformações implicam educação. Em um outro lugar, ele diz que a “educação não pode tudo”. Como o senhor encara as possibilidades da educação?

*[De fato], a educação não é a alavanca da transformação social... [ela] está diretamente relacionada com as condições da economia, e é por isso que Gramsci insiste em que nenhuma reforma intelectual e moral pode estar desligada da reforma econômica. É por isso que a educação não faz a revolução social (SEVERINO, 1986, p. 96).*

*[De tal modo], a educação não atua como grande alavanca da transformação social, pois sua ação é mediada pelas referências simbólicas. Mas a transformação da sociedade também não se dará sem mudanças na esfera simbólica. Por isso, a educação ocupa lugar importante no conjunto desse processo. E embora ela apresente uma função reprodutiva da sociedade mediante a produção, sistematização e divulgação de uma ideologia, ela pode criticar a ideologia vigente, desmascarando-a em seus compromissos com os interesses dominantes e gerar uma nova consciência entre os cidadãos. Evidentemente, isso depende do esclarecimento crítico dos agentes educacionais e de seu compromisso político. (Idem, 2001, p. 75-76).*

Na *Pedagogia da autonomia*, Paulo Freire se dirige aos educadores apresentando-lhes “alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica” que, segundo ele, “devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente”. A seu ver, o que não pode faltar à formação do educador?

*O investimento na formação profissional do educador não pode, pois, reduzir-se à técnica. Formar um educador não é repassar-lhe conhecimentos acadêmicos, pois isso não assegura a fecundidade de sua prática, que precisa subsidiar efetivas mudanças na sociedade pela transformação dos educandos. Ela precisa ser política, expressar sensibilidade às condições histórico-sociais da existência dos sujeitos envolvidos na educação. Sendo política, ela se tornará intrinsecamente ética e contribuirá para a consolidação da cidadania. (SEVERINO, 2001, p. 156).*

*[Assim, nós acreditamos que] a atuação do educador só terá qualidade se, ao longo das etapas de sua formação, for-lhe assegurado um complexo articulado de elementos que traduzam competência epistêmica, técnica e científica, criatividade estética, sensibilidade ética e criticidade política. Mediante uma prática guiada por tais referências, o profissional da educação exercerá sua função social, a partir de sua inserção num projeto. O currículo, como recurso formativo, deve conter componentes filosóficos, científicos, técnicos, estéticos, práticos e políticos, bem como atividades práticas correspondentes a eles. (2001, p. 159).*

Paulo Freire escreve que a atividade educativa exige a dimensão do sonho e da utopia, diz ele: “Todo amanhã sobre o qual se pensa e para cuja realização se luta, implica necessariamente o sonho e a utopia. Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem a utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem a sua concretização” (FREIRE, 2014, 77-78). A que projetos e sonhos se prende o professor Severino?

*[Durante toda minha carreira apeguei-me a uma ideia de formação]. Minha ideia de formação é, pois, aquela do alcance de um modo de ser, mediante um devir, modo de ser que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, pela condição de sujeito autônomo. Uma situação de plena humanidade. (2017, p. 134-135). Tornar viável e digna a existência dos homens, numa dada realidade histórica e social..., construir a efetiva cidadania (idem, 94), trata-se, sem dúvida, de um objetivo que soa utópico e de difícil consecução, à vista da dura realidade histórica de nossa existência. Mas é um horizonte a ser constantemente almejado e buscado (idem, p. 135). Garantir a todos os indivíduos humanos, sem qualquer forma de discriminação, as condições para o exercício pleno e fecundo do trabalho, da sociabilidade e da cultura simbólica (idem, p. 94), estruturam minhas utopias.*

Em uma carta à Heloisa Bezerra, companheira de trabalho no Sesi-PE, Paulo Freire tece o seguinte comentário:

*Como poderia eu esquecer as minhas fontes, renunciar às minhas raízes, se são elas as que dão real significação à minha andarilhagem pelo mundo? [...] Sem elas, a minha andarilhagem se converteria num vagar sem sentido, enfadonho, pelo mundo. É a minha brasilidade, molhada, e ensopada, da cabeça aos pés, de nodestividade recifense, que me faz hoje um ser do mundo, um ser multicultural. Não há universalidade sem localidade. (FREIRE, 2014, p.363;364)*

No âmbito de suas pesquisas e estudos, o senhor tem lançado seu interesse ao pensamento em educação na América Latina, buscando identificar como a prática educativa tem sido pensada filosoficamente nos países que compõem este vasto e complexo continente. Como Paulo Freire, o senhor também entende que “não há universalidade sem localidade?”

*[De fato, eu tenho me dedicado muito a este tema e o estamos estudando junto ao Grupo de Pesquisa e Estudos em Filosofia da Educação (GRUPEFE), que tem apresentado bons resultados]. [E numa perspectiva decolonial, para Paulo Freire], o conhecimento tem um caráter histórico e sociológico, assim, [ele] faz questão de frisar que vivemos uma realidade de opressão, ou uma cultura de dominação. Argumenta, ainda, que a importação de ideias, como também a importação da revolução, superpõe a realidade de uma sociedade sobre a outra e produz os eficientes mecanismos da dominação. Neste sentido, insiste em que o único aspecto universal do conhecimento consiste em reconhecer que o processo do conhecimento é o mesmo em qualquer lugar. Para ele, o conhecimento é um processo crítico e as teorias e as coisas não inatas e universais. Pelo contrário, elas são históricas e circunstanciais. Sem o estabelecimento do relacionamento entre os fatos e seus contextos, entre as ideias e a realidade não existem nem a realidade, nem o conhecimento. (SEVERINO, BAUER, 2011, p. 13-14). [Do meu ponto de vista], todo pensar precisa ser intrinsecamente etno-pensamento, etno-conhecimento, ou seja, tem que ter suas raízes no seio da comunidade [ou localidade, nas palavras de Paulo Freire] concreta em que é praticado, raízes estas que precisam ser explicitadas. (Idem, p.19)*

No cerne do discurso decolonial, então, parece-me, encontra-se, como diria Paulo Freire (2013, p. 217) “Pedro, Maria, José, Antonio no mundo”, capazes de gerar um saber próprio, que se constitui na trama das relações sociais e culturais em que se estabelecem como sujeitos, na dinâmica que envolve tanto sua subjetividade individual como a intersubjetividade cultural. O senhor pode nos explicar melhor isso.

*[Eu diria que o discurso decolonial, como o entendemos, está] compromissado com a emancipação e com a construção da autonomia de todos os sujeitos [...] numa dupla perspectiva. Ele se quer como uma etnofilosofia, na medida em que sua narrativa tem raízes em seu próprio solo geográfico e cultural, mas, ao mesmo tempo e sob o mesmo impulso, ela se expressa sob uma outra perspectiva mais complexa, a da interculturalidade. Não se trata mais de se diluir numa suposta filosofia universal que, na realidade ocidental, não passou da imposição forçada de um filosofar eurocentrado, nem se isolar num pensar autossuficiente e incomunicável, que não estabelece pontes com outros pensamentos. Trata-se de um discurso dialogante, que supõe a alteridade e com ela estabelece comunicação. O diálogo filosófico se constitui no seio da matriz de um diálogo intercultural. (SEVERINO, 2020, p. 28)*

Como tal concepção se aplica à educação?

*A Educação é profundamente enraizada no modo de ser específico de cada sociedade e é a partir dessa condição que ela precisa ser pensada, já que dela se espera justamente a maneira pela qual as pessoas vão se portar, teórica e praticamente, frente à realidade histórica concreta. (SEVERINO, 2020, p. 23)*

*[Do mesmo modo, numa perspectiva freireana], precisam se manifestar como derivadas de uma perspectiva de etnoconhecimento, o que, no contexto dos países colonizados, implica a tomada de consciência da alienação da cultura local, dominada pela cultura eurocêntrica, bem como da necessidade de criticar e superar tal situação. Trata-se, assim, de desenvolver uma atitude crítica de enraizamento do conhecimento e da decolonialidade, isto é, denunciar o colonialismo que, desde a modernidade, e mesmo após a independência administrativa e política, permanece como colonialismo epistemológico. (2021, p. 114).*



Quero Terminar agradecendo o Professor Antonio Joaquim Severino. A sua dedicação e práxis intelectual, comprometida com *uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação e autonomia em plena humanidade* não apenas contribui para que não deixemos de acreditar no papel transformador que a Educação nos responsabiliza, mas estabelece um legado do que de melhor podemos produzir de humanidade. Reforço minha gratidão por sua presença generosa e fecunda em minha formação pessoal e profissional.

### Referências Bibliográficas

DALBOSCO, Claudio A.; Pagni, Pedro A, GALLO, Sílvio (org). **Filosofia da Educação como Práxis Humana**. Homenagem a Antônio Joaquim Severino. São Paulo: Cortez Editora. 2016.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural Para a Liberdade e Outros Escritos**. 15 ed. São paulo: Paz e Terra. 2015.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à pratica educativa**. 53 ed. São Paulo: Paz e Terra. 2016.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. Org. AnaMaria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra. 2014.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra. 1979.

\_\_\_\_\_. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez Editora. 1995.

LORIERI, Marcos Antônio. **A busca pela identidade da Filosofia da Educação no pensamento de Antônio Joaquim Severino**. In: DALBOSCO, Claudio A.; Pagni, Pedro A, GALLO, Sílvio (org). **Filosofia da Educação como Práxis Humana**. Homenagem a Antônio Joaquim Severino. São Paulo: Cortez Editora. 2016. p. 161-184.

MÜHL, Eldon H.; CENCI, Angelo V. **Filosofia, educação e práxis no pensamento de Antônio Joaquim Severino**. In: DALBOSCO, Claudio A.; Pagni, Pedro A,



GALLO, Sílvio (org). **Filosofia da Educação como Práxis Humana**. Homenagem a Antônio Joaquim Severino. São Paulo: Cortez Editora. 2016. p. 143 - 159.

RODRIGO, Lidia Maria. **Um humanista comprometido com a Educação no Brasil**. In: DALBOSCO, Claudio A.; Pagni, Pedro A, GALLO, Sílvio (org). **Filosofia da Educação como Práxis Humana**. Homenagem a Antônio Joaquim Severino. São Paulo: Cortez Editora. 2016. p. 79 - 92.

SANTOS SEVERINO, Francisca Eleodora. **Trajetória de perto e de longe**. In DALBOSCO, Claudio A.; Pagni, Pedro A, GALLO, Sílvio (org). **Filosofia da Educação como Práxis Humana**. Homenagem a Antônio Joaquim Severino. São Paulo: Cortez Editora. 2016. p. 57 - 77.

SEVERINO, A.J. **Paulo Freire: etnoconhecimento, interculturalidade e emancipação na teoria e na prática educativas**. Rev. Cienc. Educ., Americana, ano XXI, n. 44, p. 53-66, out. 2019.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da Libertação: Contribuições de Paulo Freire e de Enrique Dussel para uma educação emancipadora**. IX Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire - Eixo 1. A educação que emancipa frente às injustiças, desigualdades e vulnerabilidades. Turin. 2014.

\_\_\_\_\_. **Educação, Ideologia e Contra-ideologia**. (Temas básicos de educação e ensino). São Paulo: EPU. 1986.

\_\_\_\_\_. **Educação, Sujeito e História**. São Paulo: Olho d'Água. 2001.

\_\_\_\_\_. **Filosofia na formação profissional**. Por que ter valores políticos, éticos e estéticos na formação profissional é importante? São Paulo: Cartago. 2017.

\_\_\_\_\_. **A emancipação dos povos colonizados na proposta educacional freiriana: decolonização e interculturalidade**. Comunicação & educação • Ano XXVI • número 2 • jul/dez 2021. Disponível em file:///C:/Users/Itautec/Downloads/187380-Texto%20do%20artigo-533185-1-10-20211220.pdf.

\_\_\_\_\_; ROMÃO, Natatcha. **Posições decolonizantes no pensamento filosófico-educacional no Brasil**. In: SEVERINO, Antonio Joaquim; MARCONDES, Ofélia Maria. **Filosofia da Educação na América Latina**:



aproximações, diálogos, perspectivas. São Paulo: Cartago Editorial, 2019. p. 202-236.

**Autor:**

***Claudio Domingos FERNANDES***

*mestre em Filosofia da Educação, pela Faculdade de Educação da USP. Leciona Filosofia na Rede pública de Ensino do Estado de São Paulo e atua como arte educador na Associação Cultural Opereta.*

*<https://orcid.org/0000-0002-0510-9983>*